

MORADA MEMÓRIA RÉS DO CHÃO

Exposição de pintura
de José Cavalhero

DE 25 DE FEVEREIRO A 6 DE ABRIL DE 2023

Galeria de Exposições Augusto Cabrita



Paulo Silva
Presidente da Câmara
Municipal do Seixal

«A pintura é um processo constante, materialmente com tinta e substratos, ou em afetações e conexões, um processo de aproximação da precisão e avaliação constante, materializar um desejo, um percurso, um ato.»

José Cavalhero

Ao confrontar as obras de José Cavalhero dá a sensação de que as telas não acabam nunca.

A suavidade da cor e o tema abordado prolonga a vastidão da tela e como que nos afaga, faz cócegas, e remete para um imaginário pueril. Quase ingénuo.

Porém, por trás de cada obra pressente-se muito trabalho, estudo, labor e saber.

O conjunto de obras aqui apresentadas mostra-nos uma persistente tensão entre o espaço-memória e o resultado final que, sem nos afastar do ponto de partida, evolui para outros significados.

Apesar de fixas, quase que ancoradas no tempo, as obras adquirem movimento a cada vez que as olhamos.

É com imenso agrado, satisfação e alegria que a Câmara Municipal do Seixal recebe José Cavalhero e acolhe e partilha com o público a presente exposição.

MORADA-MEMÓRIA RÉS DO CHÃO

A série de pinturas morada-memória rés do chão tem como referência e inspiração as casas, edificações em estado de ruínas, que constituem a paisagem de Portugal e, mais especificamente, do Seixal. A partir dessas ruínas, são criadas pinturas nas quais o principal elemento figurativo é a recomposição-síntese das estruturas daquelas memórias físicas em estado de decomposição. Nas telas, as edificações não reconstituem suas formas originais, tampouco retratam suas condições atuais. O que se visualiza são remodelações pictóricas para melhor habitar em imagem a força que sustenta cada edificação.

Essa força que se condensa em monoblocos e ergue-se por estruturas compactas teve sua gênese quando do encontro entre o artista e as ruínas. As memórias se apresentam, inevitavelmente, na pintura, de modo invisível aos olhos porque só é possível sentir suas presenças no interior das edificações. O que passa a habitar, então, na pintura, é o encontro entre a imagem e singularidade do olhar de quem vê, ou cada afeto que emerge diante dela – encontro que lança o espectador para a morada de sua própria memória.

O fato da morada-memória estar ao rés do chão é por ser construída necessariamente em uma base de sustentação da existência. Ela é em si um plano de construção realizado, diferente de um projeto ou uma virtualidade de apelo nostálgico do que poderia ter sido edificado. Portanto, memória não é sentir falta, mas sentir a presença extemporânea de uma vida.

Não há portas e nem janelas nas figurações-

-síntese das edificações, por não necessitarem de acessos ou saídas do ou para o seu interior. Também não há necessidade de se conectarem com áreas externas ou com anexos, porque cada morada-memória situa-se em uma região única que insiste manter-se em seu interior. Mesmo sendo um bloco, é suscetível a transformações, a reinvenções de seu interior, quando a memória deseja movimenta-se entre seus cômodos para reacomodar-se, inventando um novo habitar na mesma morada, um novo ponto de vista para mirar a si mesma.

O único ponto de fuga que há, escapa pelo destelhamento e verte-se ao cosmos, deslocando a presença da memória do rés do chão para um plano em que se possa esboçar um novo movimento de desterritorialização vertical para se reterritorializar diferentemente na horizontalidade de sua morada – movimento composto de memória e invenção que se produz no vão existente entre memória pessoal e extrapessoal – uma construção por vir.

José Cavallhero

Foto: John Bartholomew



JOSÉ CAVALHERO

Brasileiro, residente em Portugal, artista plástico e educador, formado em Artes Plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado – (FAAP-SP), pós-graduado em Psicologia Clínica do Núcleo da Subjetividade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Brasil (PUC-SP) e psicanalista em formação pela ALCEP – Curitiba/Brasil.

Atua na formação de professores em diversos contextos da educação formal e não formal. Coordenou grupo de artistas-professores nos ateliês de artes visuais para deficientes do Instituto Rodrigo Mendes, em São Paulo. Pesquisa a abordagem educativa de Reggio Emilia desde 2001. Foi professor convidado da pós-graduação no Instituto Singularidades, em São Paulo.

Tem especialização em coordenação pedagógica e de atelierista, promovidos pela RedSolare Argentina e Reggio Children – Itália. Em Portugal, desde 2020 integra o grupo de artistas na Residência Artística do Armazém 56, no Seixal. Atualmente desenvolve trabalho pessoal de escrita filosófica e em poéticas visuais e coordena grupos de estudos sobre Cultura de Ateliê.

Exposições

2021 – Coletiva: Prémio Internacional de Artes Plásticas Cidade da Guarda, Portugal

2021 – Coletiva: Saída Temporária – Seixal, Portugal

josecavalhero.com



Pintar figurativamente uma construção em ruínas, como o Moinho de Maré Velho dos Paulistas, do Seixal, que não faz parte de minha memória, mas se faz atual para mim, torna-se agora um novo saber daquele passado. O que me aproxima de seu histórico é a minha escolha por fazer da sua imagem-ruína em pintura inédita. O processo da deterioração física do edifício se estabiliza e se fixa em imagem na tela.

Seria a pintura uma pretensão ao lapso? Um retrato da interrupção dos fluxos de mutação; uma imagem ilusória da perpetuação de um instante. Ou, então, um desvio, uma passagem insinuada pelo processo de criação para que outra forma-força possa surgir. O estado de ruína torna-se imprescindível para que o processo de criação aconteça. É uma pintura que se vê e não mais ruína, um recorte forjado, uma particular extração compositiva do movimento conjunto de decomposição. A ação do tempo decompositor agora é assumida pela ação compositiva do pincel, segue, o artista, o itinerário contínuo da busca pela realização de seu ato, e não necessariamente de sua obra. A pintura passa a ser mero simulacro – feito da linguagem pictórica.

Trago para o diálogo pictórico com a pintura anterior, a primeira pintura que fiz quando tinha 12 anos. Pintura que está se deteriorando fisicamente, mas que veio à memória com o frescor da «tinta ainda molhada». A pintura das ruínas e a pintura em ruínas. Uma história que constantemente se compõe e se renova.

José Cavalhero

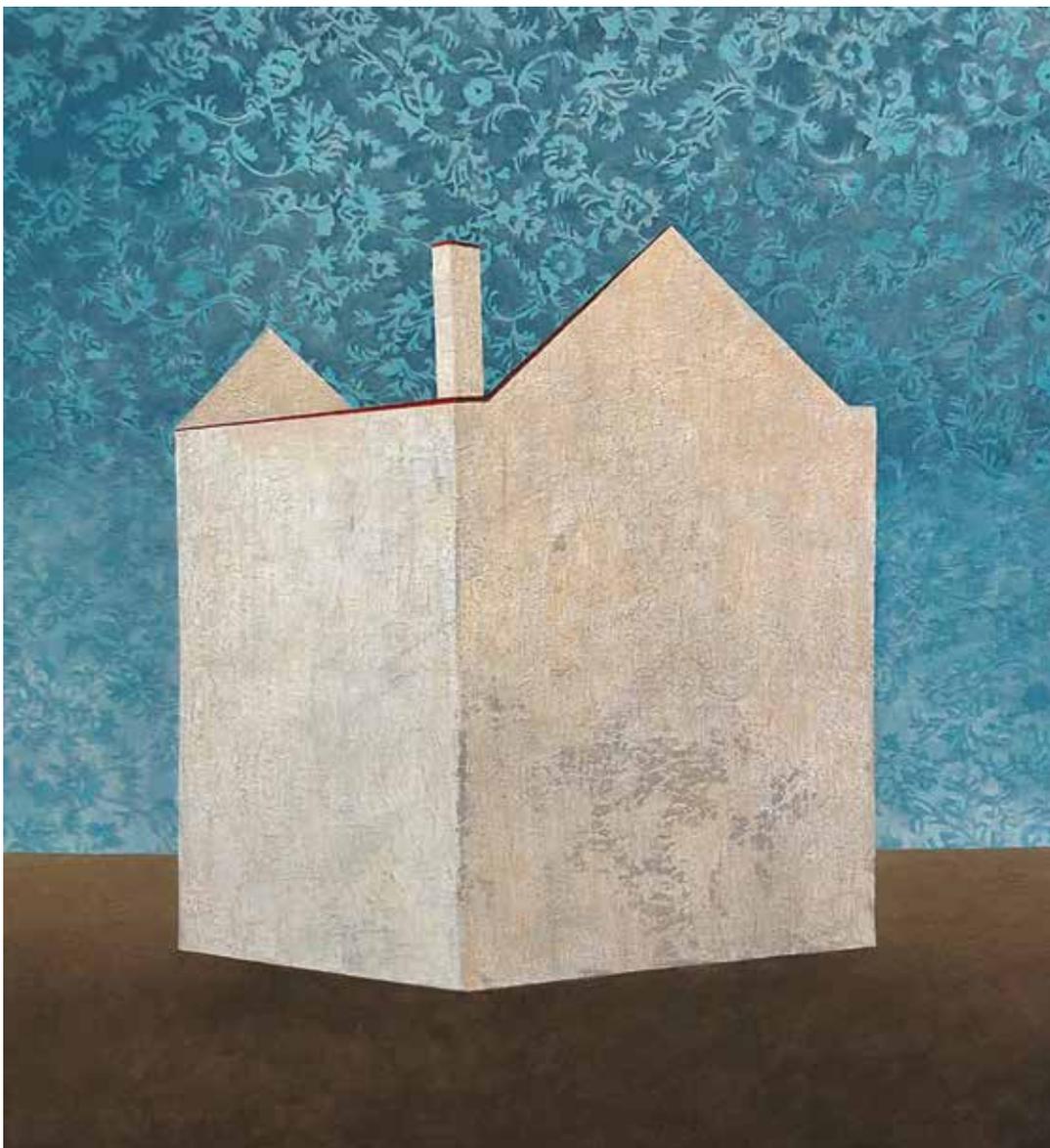




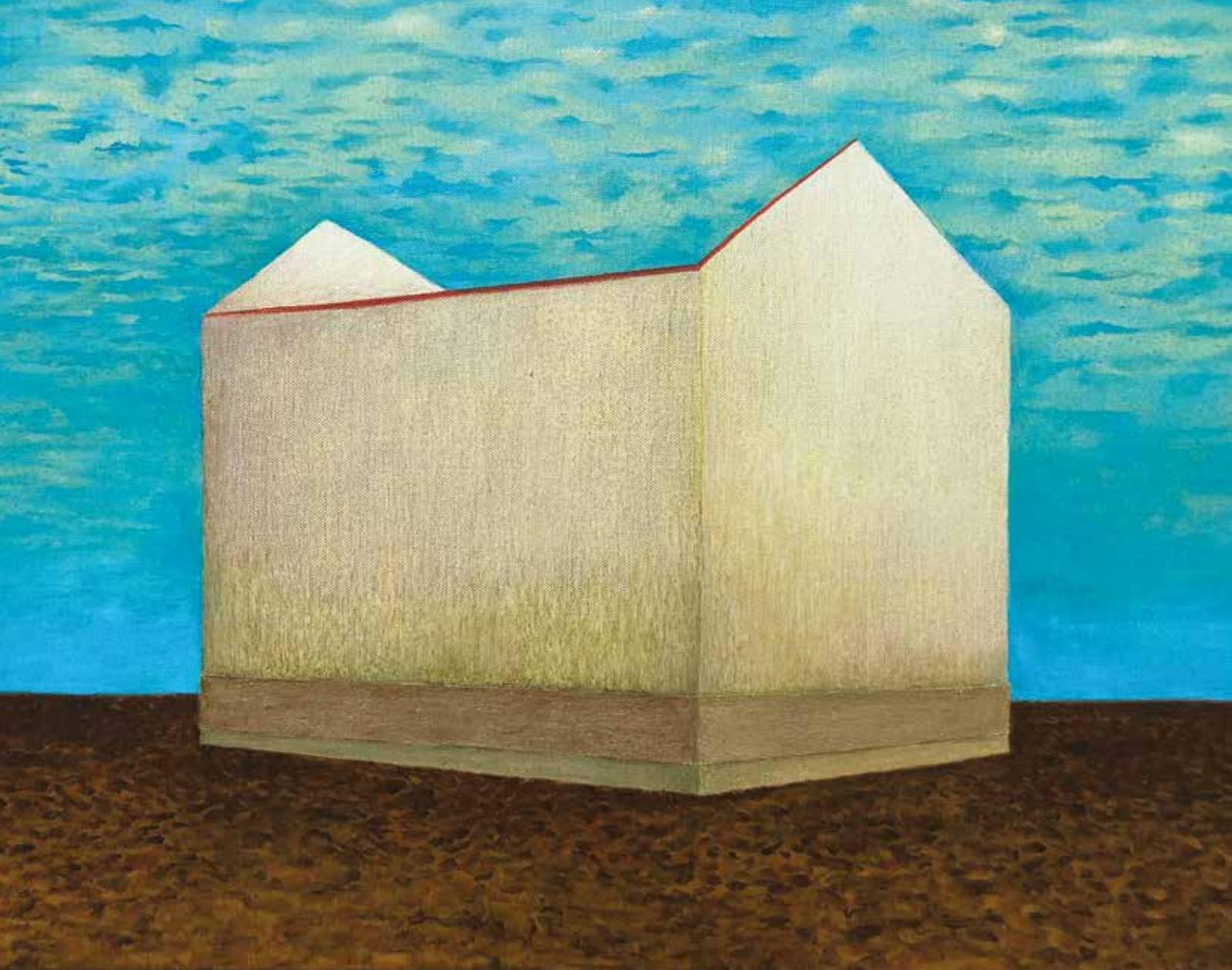
Acrílico, silicone e lápis de
cor s/ tecido adamascado,
130x160 cm
2023



Acrílico, pastel de óleo
e lápis de cor s/ tecido
adamascado, 120x100 cm
2023



Acrílico, pastel de óleo
e lápis de cor s/ tecido
adamascado, 120x100 cm,
2023



Acrílico, pastel de óleo e lápis
de cor s/ tela, 50x70 cm, 2022



Acrílico, lápis de cor e pastel
de óleo s/ tela, 50x70 cm,
2023



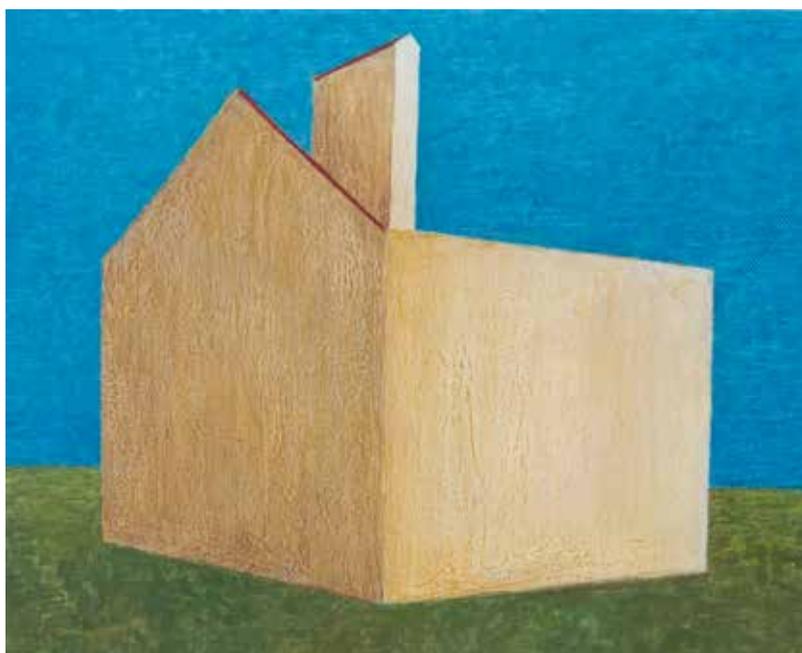
Acrílico, lápis de cor
e s/ tecido adamascado,
25x30 cm, 2022



Acrílico, lápis de cor
e s/ tecido adamascado,
25x30 cm, 2022



Acrílico, lápis de cor
e s/ tecido adamascado,
25x30 cm, 2022



Acrílico e lápis de cor s/ tela,
24x30 cm



Aguarela s/madeira de demolição, 18x23,5 cm
2021



Aguarela s/madeira de demolição, 22x46 cm
2021



Aguarela s/madeira de demolição, 22x46 cm
2021



GALERIA DE EXPOSIÇÕES AUGUSTO CABRITA

Fórum Cultural do Seixal

Quinta dos Franceses 2840-499 Seixal

T. 210 976 105 E. dc.galerias.municipais@cm-seixal.pt

Terça a sexta-feira das 10 às 20,30 horas

Sábado das 14,30 às 20,30 horas

Encerra aos domingos, feriados,
segundas-feiras e mês de agosto